



CAMARADA MANOELÓVSKY?

Espaço de experiência e horizonte de expectativa na trajetória artística e biográfica de Manoel de Barros

KELSON GÉRISON OLIVEIRA CHAVES¹

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN

E-mail: kelsongok@yahoo.com.br

O texto aborda, de maneira geral, a interface entre história, memória e narrativa literária na obra de Manoel de Barros, hoje considerado um dos poetas mais influentes na literatura e arte do Brasil contemporâneo.

Explora-se a obra e a trajetória artística e social desse sujeito histórico, Manoel de Barros, que deu-se ao longo de todo o século XX e terminou na segunda década do século XXI, cotejando a memória poética instituída com questões sociais, políticas e históricas que permearam sua experiência social. Enfoca-se, especialmente, sua pouco explorada participação no Partido Comunista Brasileiro durante a década de 30 e 40, e os possíveis significados dessa experiência em sua obra e na construção narrativa que o própria poeta fez de si.

Em minhas atuais pesquisas sobre a biografia de Manoel de Barros tenho compreendido, por meio de diversos documentos, que, por vários motivos, o referido poeta nunca foi afeito a participar de eventos, movimentos organizados, “círculos” de intelectuais, ou qualquer outra coisa que lhe desse voz pública e proporcionasse inserção no campo artístico e literário local ou nacional.

Não obstante, quando muito jovem, a efervescência, a polarização e o acirramento político-ideológico nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil do século XX parecem ter pescado o ímpeto de Manoel, gravando em sua história pessoal um curioso

¹ Bolsista de pós-doutorado PNPd/CAPES no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN.



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

momento de ativismo político, do qual só se tem conhecimento através de seu próprio relato, no Partido Comunista Brasileiro. Essa experiência, longe de ser um “tesouro caribenho” dos significados da obra de Manoel de Barros, pode, no entanto, ajudar a compreender como algumas experiências do passado do homem Manoel de Barros, com suas expectativas, desejos, anseios e esperanças, guardam convergências com questões caras à sua poética, estas duas dimensões não estando, portanto, separadas. Nesse bojo, entram sua empatia para com sujeitos marginalizados, muito presente em sua obra, fortes ligações com ideias de mudança e, ainda, certa desilusão com o ativismo político tradicional.

O que se realizou aqui não foi uma “explicação”, pois está mais para um colocar de interrogações. Este colocar interrogativo alia-se a uma explanação indiciária (GINZBURG, 1990), sugestiva, que cata pegadas, rastros, fragmentos deixados pelo caminho, indícios mesmo, para ajudar a pensar sobre a poesia de Manoel de Barros; ajudar a construir uma aproximação compreensiva das ideias, valores e visões de mundo que permeiam a obra desse poeta e sua relação com o seu/nosso tempo.

Nessa tarefa, leva-se em conta o “espaço da experiência” e o “horizonte de expectativa” de Manoel de Barros, sabendo que essas ferramentas conceituais, conforme as articulou Koselleck, são categorias que não permitem que se deduza aquilo de que “realmente” se teve experiência e aquilo que “realmente” se anseia. Em outras palavras, leva-se em conta que elas ajudam a fundamentar e delinear histórias possíveis, não as “histórias mesmas” (KOSELLECK, 2006, p.306).

Conforme será desenvolvido no texto, a militância de Manoel de Barros no PCB, experiência aparentemente insólita em relação à imagem pública construída sobre o “poeta pantaneiro” (ou o “artesão da palavra”, o “reinventor da linguagem”), experiência contada por ele, inclusive, sempre com humor e distanciamento, apresenta indícios de ter maior relevância do que se suspeitava para compreender concepções e visões de mundo que latejam em sua poesia e metapoesia.

No decorrer do texto exploro as narrativas que Manoel de Barros fez sobre sua participação no PCB, que, diga-se já, nem sempre coincidem e são repletas de reinvenções memoriais, cotejo com depoimentos orais que realizei, em meus trabalhos



de pesquisa, com seu irmão, o senhor Abílio Leite de Barros, bem como faço relações com passagens de sua obra poética que, literal ou metaforicamente, tratam do tema.

Ao final, abordo como a narrativas poética e memorialística de Manoel de Barros delineiam certa concepção de literatura enquanto narrativa de protesto e crítica (social e/ou existencial).

A poetização, a idealização e o humor de Manoel acerca de sua vivência como militante comunista não mudam o fato de que ela tenha sido significativa em sua vida, marcando tanto seu “espaço de experiência” quanto ajudando a influenciar seus “horizontes de expectativa”. E quando se fala de “experiência” e “expectativa”, em termos conceituais, é preciso ter sempre em mente que se trata de um par, de forma que “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa” (KOSELLECK, 2006, p.307), o que é dizer: não se fala de uma experiência do passado sem que se tenha, por consequência, juntamente alguma expectativa determinada de futuro.

Desse modo, olhando para o todo de sua obra, incluindo aí os livros feitos em sua velhice, que são a maioria, será plausível supor que o jovem Manoel, de algum modo, ainda estava ali em sua poesia da velhice; que talvez sempre esteve; e que, de algum modo, seus horizontes de expectativa, em sua velhice, tinham alguns aspectos trazidos desde seu mais distante passado na Juventude Comunista.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel de Barros, Partido Comunista, Espaço de experiência/Horizonte de expectativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Vilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.